

## A CAÇA À RAPOSA EM PORTO ALEGRE - BRASIL: UMA APROPRIAÇÃO CULTURAL

Ester Liberato Pereira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

[ester\\_lp@yahoo.com.br](mailto:ester_lp@yahoo.com.br)

Janice Zarpellon Mazo<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

[janmazo@terra.com.br](mailto:janmazo@terra.com.br)

Recebido em 13 de janeiro de 2014

Aprovado em 25 de junho de 2014

### **Resumo**

Este estudo tem como objetivo interpretar como a prática da caça à raposa foi apropriada em Porto Alegre e que representações culturais foram produzidas na primeira metade do século XX. O *corpus* documental utilizado constitui-se de reportagens de jornal, revista e pesquisa bibliográfica. A caça à raposa era promovida por clubes hípicas. Foi identificada a participação das mulheres nesse tipo de evento equestre. A caça à raposa apresentou indícios de esportivização, tais como: a igualdade de condições na competição e racionalização. Foram elaboradas regras peculiares ao contexto das entidades hípicas que promoviam tal prática, as quais reforçavam a valorização conferida ao trajeto da caça. Porém, a apropriação da caça à raposa na conjuntura porto-alegrense descartava o excitamento de um jogo violento, representado pelos cães e a raposa, em suas configurações originais.

**Palavras-chave:** caça à raposa; história do esporte; hipismo.

### **Abstract**

**Fox hunting in Porto Alegre, Brazil: a cultural appropriation**

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> Professora associada da ESEF da UFRGS, onde atua no curso de Licenciatura em Educação Física e no PPGCMH.

This study aims to interpret how the practice of fox hunting was appropriated in Porto Alegre and which was its culture representations produced in the first half of the twentieth century. The documentary corpus used consisted of articles from newspaper, magazine and literature. Fox hunting in the city was promoted by equestrian clubs. It was identified the participation of women in this type of equestrian event. Fox hunting also presented evidence of sportivization, such as: level playing field in the competition, and rationalization. Peculiar rules were drawn up according to the context of horse organizations that promoted the practice. These rules reinforced the appreciation given to the hunting path. However, the appropriation of fox hunting in Porto Alegre situation dismissed the excitement of a violent game, rendered by dogs and foxes in their original settings.

**Keywords:** fox hunting; history of sport; equestrianism.

## **Introdução**

Desde as primeiras manifestações do fenômeno do associativismo esportivo em Porto Alegre, por volta da segunda metade do século XIX, já ocorriam, na cidade, práticas esportivas que abarcavam a participação do cavalo, como as corridas de cavalos, conhecidas como “carreiras em cancha reta”, e o turfe, corridas de cavalos em pista circular/elíptica. Novas práticas equestres emergem nos quartéis no início do século XX: polo equestre, volteio, hipismo e caça à raposa.

Dentre as práticas equestres que foram apropriadas culturalmente pelos porto-alegrenses, o presente estudo trata da caça à raposa, que está relacionada com a configuração sociocultural do estado do Rio Grande do Sul e outras regiões do país. O Brasil caracteriza-se como um país que possui conhecimentos e tradições equestres desde o século XVII, quando torneios equestres passaram a ser realizados a partir da ocupação holandesa no nordeste brasileiro (ROESSLER e RINK, 2006; TORRES, 2008). Nesse mesmo período, no estado do Rio Grande do Sul, já havia redutos de criação de cavalos nas denominadas reduções jesuíticas, onde os indígenas tiveram seu primeiro contato com estes animais, passando a utilizá-los, paulatinamente, como meio

de transporte, tração, auxiliar da caça, de disputas por territórios e montaria (RUBERT, 1998).

A caça à raposa está entre os primeiros passatempos com características distintas de um esporte moderno, sendo praticada pelos grandes proprietários de terra da Inglaterra, no século XVIII e início do século XIX. Além disso, foi uma das práticas equestres utilizada no estudo de Elias e Dunning (1992) como modelo empírico, de forma a demonstrar algumas das características do tipo de divertimento e jogo que é chamado esporte. Esses autores (1992) abordam a caça à raposa como a expressão de um avanço de civilização, por meio de um processo de esportivização, ao apresentarem dados de criação de regras que diminuía a violência inserida na realização desta, evidenciando uma racionalização da prática.

As características da caça à raposa, apresentadas por Elias e Dunning (1992), revelam essa prática como uma das prováveis origens do salto do hipismo e determinam o que seria considerado o adequado esporte, isto é, aquele vinculado a um *ethos* peculiar: o das elites econômicas e sofisticadas da Inglaterra do século XVIII. Para tais classes, a tensão e a excitação proporcionadas pelo prazer da perseguição à raposa, a cavalo, percorrendo um percurso pleno de obstáculos, foram valorizadas para se organizarem como componente central da atividade de distração do hipismo. Isso nos sugere que os saltos do hipismo, limitados por uma pista, remontam aos momentos em que os cavalos precisavam saltar troncos, riachos e outros obstáculos que os caçadores encontravam pelas florestas.

Conforme Vieira e Freitas (2007), entre os séculos XV e XVIII, os europeus passaram a não se interessar mais pelo hipismo com a finalidade de elaborar estratégias de guerra, amplamente ligadas aos empreendimentos de cunho militar até então. Houve

um deslocamento do interesse pelo hipismo, o qual se voltou para a arte, nomeadamente por meio da prática dos saltos. Dentre os ingleses, existia também a rotina trivial de montar cavalos para caçar, percorrendo terrenos de particularidades variadas e ultrapassando barreiras e obstáculos.

O gosto pela equitação se instituiu de tal maneira que, também em tempo de baixa estação de caça ou em períodos de inverno severo, os britânicos se organizavam para o exercício dos saltos, revelando primitivos vestígios daquela que se tornaria a atividade mais apreciada do hipismo: os saltos<sup>3</sup>. Todavia, os italianos e os alemães também possuíam um significativo gosto pela prática, e muitos dos militares desses países, por conta de seu serviço, demonstravam maestria em equitação. O estudo de Vigarello (2008) revela que, desde o século XVII, o ato de montar a cavalo apresenta-se como uma tradição aristocrática com participação da elite. Para Del Priore (2009), tal costume acaba por “[...] demonstrar um comportamento, uma maneira de se portar, uma pertença” (p. 16). Logo, representações acerca da equitação como um conhecimento especial, um sinal de aptidão e de competência, são construídas.

Ainda a esse respeito, outro autor que faz referência à caça à raposa é Stigger (2005), o qual considera que essa prática esportiva foi desenvolvida como um elemento de distinção social. Alude que isso pode ser percebido em função de que determinado grupo social, no caso a elite econômica inglesa proprietária de terras, procurava instituir uma determinada maneira de caçar que se distinguia de outras e balizava seus praticantes como uma parte distinta da sociedade.

---

<sup>3</sup> Outro importante indício de que os primórdios do salto do hipismo tenham relação com elementos da caça à raposa são anunciados por Adelman (2006): a participação civil nesse tipo de caça e a presença de mulheres que aderiam a essa prática sobre os cavalos. Faz-se a ressalva que essas características – participação civil/militar e presença de homens e mulheres na mesma competição -, estão presentes no salto do hipismo até os dias atuais.

No que tange ao Rio Grande do Sul, há indícios de que a prática da caça à raposa tenha ocorrido no estado. De acordo com reportagens da Revista do Globo (*WEEK-END...*, 1951) e do jornal Diário de Notícias (*O CRYSTAL...*, 1929), um cavaleiro ou uma amazona, montado (a) em um cavalo, desempenhava a função de raposa durante a prática, sendo o (a) único (a) conhecedor (a) do percurso da caça. A função de raposa exigia a demonstração de muitas habilidades intrínsecas à equitação para poder fugir dos demais cavaleiros e Amazonas candidatos a caçá-lo (a), isto é, alcançá-lo (a) e tocá-lo (a) em meio à fuga a galope (andadura do cavalo de alta velocidade).

A partir dessas considerações, este estudo objetiva interpretar como a prática da caça à raposa foi apropriada em Porto Alegre e que representações culturais foram produzidas na primeira metade do século XX. Vale aqui destacarmos que o entendimento da caça à raposa enquanto prática cultural vai ao encontro da ideia de Burke (2005), para quem as práticas consistem nos feitos e ações que compõem a cultura de um indivíduo.

Em Porto Alegre, a prática do hipismo tem seus primórdios associados ao contexto militar, mais precisamente na Escolta Presidencial da Brigada Militar do Estado, na década de 1910. No entanto, o acesso ao hipismo também chegaria oficialmente ao âmbito civil na cidade. Isso se deu por meio da organização da Sociedade Hípica Rio-Grandense, a qual congregava, em seu quadro de sócios, não somente militares, mas também civis, na década de 1920. Tal fato abarca as possíveis origens de desenvolvimento desse esporte em outros lugares do mundo. O hipismo, além de apresentar seus primórdios no contexto das práticas militares associadas à cavalaria, também encontra a sua origem nas atividades aristocráticas europeias, como

as caçadas e demais atividades de lazer das famílias nobres, das quais eram adeptos homens e mulheres.

### **Material e Métodos**

A pesquisa histórica buscou contemplar o objetivo proposto utilizando como apoio teórico-metodológico a História Cultural (BURKE, 2005; CHARTIER, 1990; PESAVENTO, 2008), tendo em vista que tal abordagem pressupõe que a realidade social é culturalmente construída. A História Cultural adota uma abordagem explicitamente autoconsciente e reflexiva, que relança a história como um discurso construído acerca do passado. (BOOTH, 2011).

A fim de trilhar os caminhos da caça à raposa em Porto Alegre, foram coletadas informações em fontes impressas. Essas foram analisadas, conforme procedimentos de Pimentel (2001) e Bacellar (2005), a saber: Catálogo da Revista do Globo (MAZO, 2004) e o jornal Diário de Notícias, o qual foi escolhido devido à grande circulação na época. A opção por esse *corpus* documental se dá em função das suas distintas posições perante a sociedade porto-alegrense, identificada por meio da pesquisa bibliográfica. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica em referências tais como livros, monografias, dissertações, tese e artigos.

Por meio de tal revisão, constatou-se que poucos são os estudos que privilegiam as práticas equestres como objeto de análise. Melo aborda o turfe (1998), o qual foi, possivelmente, a primeira prática esportiva (no sentido moderno) a realmente se instituir no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, consistindo, ainda, naquela que apresentou primeiramente uma organização mais estruturada e uma intensa inclusão social. No contexto do Rio Grande do Sul, o estudo de Mazo (2003) evidenciou que, por

volta da segunda metade do século XIX, na área do lazer da população, ainda se destacavam as corridas de cavalo conhecidas por “carreiras em cancha reta”. (MAZO e PEREIRA, 2013; PEREIRA, 2008; PEREIRA; LYRA e MAZO, 2010; PEREIRA, SILVA e MAZO, 2010). Tais carreiras constituíam o passatempo preferido dos sul-riograndenses campeiros. Por sua vez, a organização da equitação<sup>4</sup> com base em aspectos e características de práticas esportivas foi tratada por Ferreira (1999), a qual passou a ser mais evidente nas instituições militares do Rio de Janeiro desde 1810. Roessler e Rink (2006), por sua vez, elaboram um capítulo abordando um histórico e uma organização dos esportes hípicos no país para o Atlas do Esporte no Brasil. Com uma ideia semelhante, Vieira e Freitas (2007) publicaram um livro editado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), porém com o foco somente no Hipismo. Adelman (2006), em grande parte de seus estudos, aborda as práticas equestres, porém com o viés e pressupostos teórico-metodológicos do campo de estudos de análise de gênero.

Outro importante texto para esta pesquisa é “O Cavallo”, elaborado por Lemos e Carvalho (1919), que compõe o primeiro capítulo do álbum “Rio Grande do Sul Sportivo”, onde é apresentada a ideia de que o cavalo, para a identidade do sul-riograndense, representava um de seus símbolos. Nesse capítulo introdutório do álbum, os autores (1919) registraram que: “Nos torneios gaúchos, nas cavalhadas, nas corridas, o cavalo é fator primacial do gozo dos filhos do Rio Grande” (p. 3). Além disso, Del Priore (2009), em seu capítulo, mostra que também em âmbito nacional a presença do cavalo em atividades de lazer e esporte, por meio dos chamados “jogos de cavalheiros”, fazia-se sentir significativamente já na segunda metade do século XIX. Ainda, a dissertação de mestrado de Pereira (2012) procurou compreender como se sucedeu a

---

<sup>4</sup> Neste estudo, compartilhamos do entendimento de “equitação” de Roessler e Rink (2006, p. 1), que a definem como “atividades esportivas e de lazer desenvolvidas pelo conjunto ser humano/cavalo, sempre que o primeiro estiver sobre o dorso do segundo”.

esportivização das práticas equestres em Porto Alegre, em particular do salto do hipismo, nas décadas de 1920 a 1940.

O presente estudo almeja colaborar para expandir as pesquisas sobre as práticas equestres e, assim, conservar sua memória no cenário esportivo regional e nacional.

### **A caça à raposa nos clubes: uma prática de civis e militares**

Aparentemente sem sede própria, a Sociedade Hípica Rio Grandense (SHR) desenvolvia suas atividades e torneios em estádios de clubes de futebol (MAZO, 2004b, p. 35), e, principalmente, no Campo da Redenção, atual Parque Farroupilha (SOCIEDADE..., 1931; MAZO, 2004a, p. 30). Esse parque foi palco de muitas práticas esportivas, como a primeira demonstração de corridas de cavalos no novo formato de pista circular, em 1872, pelo domador capitão Luiz Jacome de Abreu e Souza (ROZANO; FONSECA, 2005).

O símbolo da referida sociedade, resumido a um cavalo entre uma ferradura, sugere que a figura do cavalo constituía o cerne de suas atividades. Ao encontro desse pensamento, alia-se o fato de que suas práticas esportivas envolviam a participação conjunta com esse animal, evidenciando o caráter equestre. Os torneios de saltos, partidas de polo equestre, volteio<sup>5</sup>, *cross-country*<sup>6</sup>, e o antigo costume que,

---

<sup>5</sup> O volteio constitui uma atividade acrobática em que um grupo de volteadores, ou um volteador apenas, executam exercícios sobre um cavalo a galope (ROESSLER e RINK, 2006). Consiste em uma das mais antigas práticas equestres, podendo resumir-se o volteio como uma ginástica artística sobre o cavalo. Durante a Idade Média, era empregado como parte do treinamento de soldados para as batalhas, com a finalidade de desenvolver o equilíbrio e o entrosamento com o cavalo. Findadas as guerras, o volteio extrapolou os limites dos quartéis e, em seguida, passou a ser praticado em hípicas e pequenos centros de treinamento, espalhando-se pelo mundo. Em 1920, essa prática esportiva equestre foi agregada à programação dos Jogos Olímpicos de Verão da Antuérpia; porém, somente em 1983 foi reconhecida oficialmente pela Federação Equestre Internacional (FEI). (VIEIRA e FREITAS, 2007). O volteio não compõe mais os esportes equestres nos Jogos Olímpicos. Essa prática equestre, atualmente, é avaliada por critérios estéticos de forma semelhante como ocorre na dança, na ginástica rítmica e na patinação artística. (ALMEIDA e WELLER, 1997).

<sup>6</sup> Essa competição também pode ser denominada *steeple-chase*, *rallye*, Concurso Completo de Equitação (CCE), ou ainda *Three Day Event*, uma vez que consiste em três provas diferentes (adestramento, prova



possivelmente, consistiu em uma das origens do hipismo, a caça à raposa, faziam parte das denominadas Temporadas Desportivas da SHR. Esses eventos costumavam integrar militares e civis em nome do esporte (SOCIEDADE..., 1931), os quais compunham o quadro de sócios dessa entidade (ABERTURA..., 1931, p. 2).

Ao encontro do que Adelman e Moraes (2008) apresentam acerca do hipismo, a participação dos cavaleiros estava fortemente condicionada ao seu pertencimento a grupos sociais de elevado poder aquisitivo, para os quais, ao contrário dos jóqueis no turfe, a prática equestre representava um momento de lazer, uma vez que possuíam recursos materiais e capital cultural que possibilitavam tal condição. Médicos, advogados, militares e outros profissionais liberais e ocupantes de cargos superiores optavam por engajarem-se em uma prática que conferia distinção, *status* de elite e honra.

Ao encontro dessa ideia, temos o filme denominado “Caça à Raposa”, realizado em 1913, pela empresa Campos Filme, o qual foi analisado por Morettin (2005). Dirigido por Antônio Campos, o filme trata de uma expedição, em plena capital paulista, para a prática de uma caça à raposa. E, como afirma Morettin (2005), dentre os aspectos que merecem consideração com relação ao filme, destaca-se o cerne essencial das atenções: os indicativos de alto poder aquisitivo naquele contexto, como o automóvel, os empregados, o cavalo, os trajes de hipismo e o pequeno círculo social identificado pelo modo de se portar e vestir.

---

de fundo e prova de saltos), as quais ocorrem em três dias consecutivos, parecendo uma prova de triatlo equestre. (VIEIRA e FREITAS, 2007). As duas últimas denominações são oficializadas pela Federação Equestre Internacional (FEI). A prática tem seus primórdios associados aos regimentos de cavalaria, os quais existiam em grande número nos exércitos europeus antes da mecanização das unidades hipomóveis. Consistia em parte dos exercícios rotineiros da tropa e dos oficiais, envolvendo longos percursos de estrada, exercícios sobre terrenos acidentados e largos períodos de galope pelos campos atravessados por obstáculos naturais. Tais exercícios, eventualmente, vieram a constituir disputas entre esquadrões, posteriormente entre regimentos e, mais tarde, entre equipes de cavaleiros de diferentes nacionalidades. (MORGADO, 1990).

Ao associar a caça à raposa aos primórdios do hipismo, e tendo-se este último ligação a mais de um grupo cultural de origem europeia em Porto Alegre, identifica-se, nessa prática, a proposta de uma nova expectativa à participação social das mulheres pertencentes às elites econômicas, compondo parte de sua educação. (PEREIRA, SILVA e MAZO, 2011). Destaca-se que os imigrantes europeus trouxeram os influentes ideais das lutas das mulheres e apresentaram novas perspectivas para as brasileiras.

### **A presença das mulheres na prática da caça à raposa**

Conforme Melo (2009), o hipismo fazia parte das práticas esportivas que, no início do século XX, eram consideradas como sinais de *status* e distinção, marcas de classe e hierarquia social. A Revista do Globo, por exemplo, ao publicar, na década de 1940, a divulgação da organização de uma temporada hípica, realçou que as associações esportivas que a promoveriam “[...] congregam figuras destacadas da sociedade gaúcha [...]” (MAZO, 2004c, p. 38). Nessa medida, homens, mulheres e crianças já são vistos como protagonistas nas imagens desse esporte. Inclusive, a equitação era concebida como parte da educação de mulheres jovens das elites, sendo apreciada em função de que elas deveriam desenvolver determinadas capacidades que lhes consentissem satisfazer com propriedade os novos papéis sociais. No hipismo, era mais trivial e mais plausível a participação das mulheres, especialmente das elites, as quais já tomavam parte ativa nas competições.

Porém, essa característica de abertura a homens e mulheres nas competições hípicas pode ser em razão de uma possível dupla origem desse esporte equestre. O hipismo, além de apresentar seus primórdios no contexto das práticas militares associadas à cavalaria, também encontra a sua origem nas atividades aristocráticas

européias, como as caçadas e demais atividades de lazer das famílias nobres, das quais eram adeptos homens e mulheres. (ROJO, 2007). A esse respeito, a prática do tênis, como nos apresenta Guttmann (1978), também era permitida às mulheres desde seus primórdios na Inglaterra, apesar de, ao contrário do hipismo, existirem competições separadas para homens e mulheres. Além da origem aristocrática, ambos os esportes também se aproximam, possivelmente, pela classe nitidamente ser mais importante do que o sexo quando se tratava de um de seus praticantes.

Na caça à raposa, podiam inscrever-se tanto cavaleiros como “senhorinhas” (O CRYSTAL..., 1929, p. 6). A raposa era representada por um (a) cavaleiro/amazona e não foi identificada a presença de cães de caça. Dessa forma, só oferecia o prazer da perseguição para os espectadores participantes, mas descartava o excitamento de um jogo violento, representado, de forma mimética, pelos cães e a raposa, analisada por Elias e Dunning (1992).

Schpun (1999) adverte que a maior participação das mulheres nesse tipo de evento acontecia por ser uma prática menos competitiva, por isso “menos significativa aos olhos do grupo” (p. 57). Dessa forma, além de praticarem a caça, tanto como raposas quanto como caçadoras, as mulheres participavam, também, dos momentos de sociabilidade, marcados pelo café, servido ao ar livre, onde claramente conviviam com os homens como se não existisse maior distinção de gênero, avigorando o caráter familiar do evento.

### **A prática equestre da caça à raposa: um lazer com elementos de esportivização**

Conforme Elias (1992), o esporte, como conhecido hoje, consistiu em uma invenção inglesa cujo desenvolvimento coincidiu com o fim da guerra civil de meados

do século XVII. A extinção das inimizades diminuiu drasticamente a fonte de excitação que a batalha representava, incitando a procura por novos mecanismos desse prazer primitivo. De tal modo, os esportes ganham regulamentos e um sentido de organização cujo fim é justamente alargar, no tempo, a sensação de luta, bem como Guterman (2006) exemplifica com o futebol.

Elias (1992) menciona a caça à raposa como modelo dessa alteração. O esporte civilizou-se ao coibir que os caçadores matassem a raposa (GUTERMAN, 2006). De acordo com as novas regras, somente os cães poderiam dar cabo das raposas, e isso após a superação de muitos obstáculos. O alicerce de tal modificação é, assim, basicamente lúdico (simbólico, portanto). (TOLEDO, 1996-97).

Ainda com relação à procedência dessa prática esportiva, pode-se seguir o raciocínio de Guttmann (1978) para refletir acerca de como a caça à raposa, um esporte pré-moderno, possibilitou a emergência do salto do hipismo, o qual, agora, é inteiramente moderno. A racionalização constitui a chave para esse processo, uma vez que a atividade de caça em si iniciou como uma ocupação utilitária, evidenciando uma maior preocupação com a alimentação do que com o prazer da perseguição. Ao deslocar-se o cerne da atividade para o seu processo em detrimento de seu resultado, isto é, ao passar-se a valorizar a prática em si, um processo de racionalização transformou-a no hipismo. No contexto do hipismo porto-alegrense, na década de 1920, as fontes já indicam alguns indícios dessa racionalização por meio de regras e regulamentações quanto à participação nas provas hípicas.

Ao considerar a prática da caça à raposa em si, isto é, os percursos com obstáculos, pode-se retomar o discorrido por Elias (1992) acerca das características desta enquanto uma das prováveis origens do salto. Para as classes de elite que

praticavam a caça, a tensão e a excitação proporcionadas pelo prazer da perseguição à raposa, a cavalo, percorrendo uma trajetória plena de obstáculos e barreiras, constituíam o elemento principal dessa atividade de distração. Isso sugere que os saltos do hipismo, restritos em uma pista, passavam a remontar a esses momentos em que os cavalos necessitavam transpor troncos, rios e diversos outros obstáculos naturais com os quais os caçadores se deparavam pelas florestas ao percorrerem terrenos de peculiaridades diversas.

No salto, a apropriação de um tipo de competição que remetesse às reconhecidas caçadas, mas em um ambiente significativamente menor e com regras definidas, pode indicar aspectos da racionalização nesse contexto hípico. A elaboração de obstáculos previamente armados, os quais reproduzissem aqueles naturais, normalmente encontrados, também compõe esse incipiente cenário de busca pelo rendimento.

Com relação à prática que, possivelmente, originou o hipismo - a caça à raposa - é curioso observar a forma com que foi apropriada no Rio Grande do Sul, evidenciando uma racionalização semelhante à identificada em São Paulo (SCHPUN, 1999), qual seja: não existia propriamente raposa, mas sim um cavaleiro/amazona hábil, que partia anteriormente a todos e era o objeto da caça. Assim, a perseguição dava-se por cavaleiro/amazona-raposa.

Uma reportagem da Revista do Globo demonstra a participação tanto de civis como de militares na caça à raposa, em Porto Alegre, no ano de 1931, promovida pela Sociedade Hípica Rio Grandense na várzea do Cristal, local onde, atualmente, situa-se o *Jockey Club* do Rio Grande do Sul (SOCIEDADE..., 1931). Essa sociedade hípica costumava incluir a caça à raposa em sua programação de aberturas de temporadas hípcas anuais, sempre tendo um lugar de encontro para a partida, como a Praça

Teresópolis (SOCIEDADE HÍPICA..., 1929, p. 5), e um local para a chegada, como o Restaurante Monteggio, no Bairro Vila Nova, onde, geralmente, ocorria uma festa logo a seguir.

No entanto, não era somente na abertura de temporada que a caça à raposa tinha espaço, uma vez que ao longo do ano esportivo outras caças ocorriam. O Diário de Notícias anuncia, em abril de 1929, uma caça à raposa durante a programação de uma festa hípica. O que pode ser percebido é que as caças à raposa sempre costumavam abrir a manhã de competições. A disputa iniciava com a “raposa” partindo primeiramente e os concorrentes, já previamente agrupados ao lado da igreja Menino Deus (O CRYSTAL..., 1929, p. 6), partiam em seguida, assim que o grito de “caça livre” era emitido pelo diretor da caçada, muitas vezes um militar ocupando a posição de capitão.

O percurso da caça, que era somente do conhecimento da raposa, incorporada por um (a) cavaleiro/amazona, era geralmente composto por “[...] caminhos com diversos obstáculos [...]”, o que tornava “[...] muito interessante essa prova”. Esse trecho da reportagem reforça a valorização conferida ao trajeto, o qual era o principal promotor dos sentimentos de divertimento, desafio e excitação da prática. À chegada, geralmente no Bairro Cristal, era capturada a raposa. O cavaleiro/amazona que prendia a raposa seria, na próxima festa, o (a) escalado (a) para essa posição.

Ao analisar tal apropriação da caça à raposa no contexto porto-alegrense, podemos fazê-lo à luz do que Guttmann (1978) preconizou com relação à mudança da caça para um esporte moderno. A fim de que pudesse ser instituído o princípio da igualdade de condições na competição, isto é, com o intuito de eliminar as diferenças advindas do fato de que cada animal é diferente do outro, a solução, em Porto Alegre, foi criar um animal que simbolizasse a igualdade de todos os animais. De tal modo, a

racionalização da caça à raposa, em Porto Alegre, determinou que um cavaleiro/amazona, também montado (a) em um cavalo, passava a representar a raposa, a qual deveria ser capturada por um (a) cavaleiro/amazona concorrente. Tratava-se, assim, de uma prática realizada na cidade, a qual existia no campo e não exigia de seus praticantes um expressivo esforço corpóreo. O salto do hipismo, por sua vez, já é sistematizado em harmonia com um estilo de vida burguês em Porto Alegre, ou seja, das novas elites urbanas, constituindo pontes entre os distintos estratos dos grupos mais privilegiados economicamente.

Considerando o período histórico e a ascensão da cidade de Porto Alegre enquanto capital do estado do Rio Grande do Sul, o cavalo adquire um novo significado social com relação aos tempos passados. Se antes ele era mais utilizado pelos sul-riograndenses para o trabalho e transporte, além do emprego no meio militar, nessa nova fase inicial do século XX, ele apresenta representações mais ligadas à nobreza e à distinção social. Desse modo, tem-se uma ideia que corrobora com o que discorreu Elias (1992) acerca da história de um esporte, considerando-a não puramente como a prática isolada de pessoas ou grupos, nem exclusivamente um número de alterações não padronizadas, mas um conjunto unificado de alterações no arranjo, nas normas e na conformação atualizada do próprio jogo, o qual se dirige a um estágio característico de equilíbrio de tensão.

Conforme Elias e Dunning, a prática da caça à raposa faz parte de um processo de índole civilizatória, na Inglaterra, mesmo com a morte de forma violenta de um animal. Assim, segundo Dias (2010), conforme uma sociedade vai, pois, se pacificando, ter-se-á uma composição de emoções que vai progressivamente abandonando os jogos

mais violentos e sangrentos, como as touradas<sup>7</sup> ou as brigas de animais e, concomitantemente, vai apreciando, cada vez mais, jogos e brincadeiras pacíficas e com relativo nível de controle. Desse modo, ainda segundo a teoria eliasiana, é no momento em que as decorrências do processo civilizador se solidificam que emergem as elementares modalidades de acordo com os parâmetros modernos de esportividade, como corridas de cavalo, pugilismo, alguns jogos com bola, como o futebol e o tênis, além da própria caça à raposa em si.

A despeito disso, constatamos, por meio de nossa investigação, que a caçada, no Rio Grande do Sul, já nos anos 1920, apenas simulava a existência da raposa (o que se explica, posteriormente, com o conceito de racionalização). Dessa forma, possivelmente, poderia estar aí atrelada, inclusive, alguma relação prematura com o desenvolvimento da noção de proteção aos animais, tão vigente e relacionada com uma preocupação de diminuição da violência estendendo-se a outros seres que não os humanos no contexto atual.

Portanto, é preciso estar ciente de que muitas críticas têm sido apresentadas a respeito dos entendimentos de Elias e sua relação com a sociologia do esporte. Destacam-se, dentre outras, duas questões que parecem mais importantes para refletir acerca dos problemas do esporte nas teorias sociais: uma com relação à linguagem empregada por Elias, a qual evidenciaria certo evolucionismo, a despeito de todo o empenho estabelecido por seus seguidores para abater críticas desse tipo. Além desta, outra questão posta com à teoria da sociologia figuracional de Elias refere-se à

---

<sup>7</sup> Em Porto Alegre, a prática das touradas ocorreu no século XIX, prestigiadas por um público que abarcava desde as camadas mais populares até a classe com alto poder aquisitivo da sociedade (PEREIRA, 2012). No contexto do Rio de Janeiro, conforme Melo (2013), desde o século XVIII, as touradas constituíam uma prática rural associada a festividades tradicionais, e tornaram-se um entretenimento relativamente urbano e autônomo com seu próprio espaço e calendário. Porém, apontando para a brutalidade associada às touradas, alguns moradores urbanos questionavam acerca dos benefícios sociais da atividade. No início do século XX, assim, o Estado proibiu as touradas, juntamente com as rinhas de galo.



facilidade da sua reprodução e conseqüente provimento de um recurso reconfortante para rotina de pesquisa. (DIAS, 2010).

Tais aspectos são alguns dos trazidos à tona pelos autores críticos (GIULIANOTTI, 2004; 2005; GOODY, 2002) à teoria de Elias, pois não condizem com a ideia de desenvolvimento social. Isso porque a dita civilização moderna, decorrente de um processo civilizador evolutivo, teve, como algumas de suas principais conseqüências, violências concretizadas em guerras e colonizações, por exemplo. Além disso, alguns excessos e realces em certos aspectos na obra de Elias, tais como o eurocentrismo, bem como a desconsideração das singularidades históricas, culturais e contextuais entre diferentes regiões e países, também acabam por exigir-nos reflexão constante ao considerá-la como parte de nosso referencial teórico. Procuramos, assim, operar com tal ideário, mas cientes de suas limitações e vigilantes para não conformarmos nosso estudo com base em um desenvolvimento linear de fenômenos sociais, tais como, no caso, o fenômeno esportivo. Tal cuidado isentou-nos de pesquisar em uma única direção previamente estabelecida por uma teoria que enquadrasse nosso trabalho; evitamos, assim, limitá-lo a um mero esforço de reunir evidências ao seu favor.

### **Considerações Finais**

Em Porto Alegre, a prática do hipismo tem seus primórdios associados ao contexto da Brigada Militar do Estado, na década de 1910. No entanto, o acesso ao hipismo, também chegaria oficialmente ao âmbito civil na cidade. Isso se deu por meio da organização da Sociedade Hípica Rio-Grandense, a qual congregava, em seu quadro de sócios, não somente militares, mas também civis, na década de 1920.

No contexto da prática de caças à raposa, tanto na conjuntura inglesa, como na brasileira (Rio Grande do Sul e São Paulo, por exemplo), destaca-se o centro efetivo das atenções: os indícios de elevado poder aquisitivo, como carros, funcionários, cavalos, vestimentas de hipismo e o pequeno círculo social identificado pelo jeito de se portar e vestir. Outro aspecto comum a essa prática, tanto nos contextos inglês, porto-alegrense e paulista, dos quais foram localizados registros/estudos, é a maior participação das mulheres nesse tipo de evento, a qual acontecia, possivelmente, por tratar-se de uma prática menos competitiva e com um caráter familiar.

A caça à raposa, como um esporte pré-moderno, possibilitou a emergência do salto do hipismo. A racionalização constitui a chave para esse processo, uma vez que a atividade de caça em si iniciou como uma ocupação utilitária, evidenciando uma maior preocupação com a alimentação do que com o prazer da perseguição. Ao deslocar-se o cerne da atividade para o seu processo em detrimento de seu resultado, isto é, ao passar-se a valorizar a prática em si, um processo de racionalização transformou-a no hipismo.

No contexto do hipismo porto-alegrense, na década de 1920, as fontes já apresentam alguns indícios desta racionalização por meio de regras e regulamentações quanto à participação nas provas hípicas. O salto do hipismo, oriundo da caça à raposa, já é sistematizado em harmonia com representações culturais e um estilo de vida das novas elites urbanas, constituindo pontes entre os distintos estratos dos grupos mais privilegiados economicamente.

## Referências

“Abertura de temporada do corrente anno”. Seção Vida Desportiva. Hippiismo. Sociedade Hippica Rio-Grandense. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 16 jun. 1931, p. 2.

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Movimento*. Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 11-29, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2889/1525>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

ADELMAN, Miriam; MORAES, Fernanda Azeredo de. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, p. 1-29, jul./out. 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es903.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2011.

ALMEIDA, José Júlio Gavião de; WELLER, Mirja Jaksch. A história do volteio. In: *Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Maceió, 1997.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23-80.

BOOTH, Douglas. História do Esporte: Abordagens em Mutação. *Recorde: Revista de História do Esporte*. v. 4, n. 1, p. 1-40, jun./2011. Disponível em: <[http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV4N1\\_2011\\_13.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV4N1_2011_13.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

DEL PRIORE, Mary. “Jogos de cavalheiros”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. (Orgs). *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 13-33.

DIAS, Cleber. A Sociologia figuracional e os estudos do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 31, n. 2, p. 155-169, janeiro 2010. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/524/421>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992, p. 187-221.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Renyldo. *História do hipismo brasileiro*. São Paulo: Design, 1999.

GIULIANOTTI, R. Civiling games: Norbert Elias and the sociology of sport In: \_\_\_\_\_. (ed.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004, p. 145-160.

\_\_\_\_\_. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity Press, 2005.

GOODY, J. Elias and the anthropological tradition. *Anthropological Theory*. v. 2, n. 4, p. 401-412, 2002.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70*. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2834](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2834)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

GUTTMANN, Allen. *From ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University, 1978.

LEMONS, Antenor; CARVALHO, Edmundo. (orgs). *Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.

MAZO, Janice Zarpellon. *Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. 2003. 376 f. Tese (Doutorado). Universidade do Porto, Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Porto, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/18673>>. Acesso em: 13 jan.2014.

\_\_\_\_\_. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, CD-ROM. “Cinco aspectos do último torneio da Sociedade Hippica Rio Grandense”. 17/08/1929, n. 15, p. 30, 2004a.

\_\_\_\_\_. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, CD-ROM. “Desportos”. 12/10/1929, n. 19, p. 35, 2004b.

\_\_\_\_\_. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, CD-ROM. “Festa Hípica no *Country Club*”. 29/05/1943, n. 340, p. 38, 2004c.

MAZO, Janice Zarpellon; PEREIRA, Ester Liberato. Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; MÜLLEN, Johanna Von (org.). *Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FUNDERGS, 2013, p. 15-26.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. (orgs). *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 35-70.

\_\_\_\_\_. Possíveis representações sobre o turfe na sociedade carioca do século XIX. *Lecturas, Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 3, n. 9, p. 91-91, mar. 1998. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd9/turf91p.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. *Horses, Bulls and Bodies: The Formation of the Sport Field in Rio de Janeiro. Journal of Sport History*. v. 40, n. 3, Outono 2013, p. 377-383. Disponível em: <[http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/journal\\_of\\_sport\\_history/v040/40.3.de-melo.html](http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/journal_of_sport_history/v040/40.3.de-melo.html)>. Acesso em: 22 mai. 2014.

MORETTIN, Eduardo Victorio. Dimensões históricas do documentário brasileiro no período silencioso. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 125-152, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a07v2549.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

MORGADO, Félix. *Adestramento do cavalo*. São Paulo: Nobel, 1990.

“O Crystal foi o local escolhido para a festa de amanhã”. Seção Vida Desportiva. Hippiamo. Sociedade Hippica Rio Grandense. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 28 abril 1929, p. 6.

PEREIRA, Ester Liberato. *A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910): alguns tropeços em meio a um vitorioso galope*. 2008. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2008.

\_\_\_\_\_. *As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização*. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000861427&loc=2012&l=d78f3c8f7d03f59a>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

PEREIRA, Ester Liberato; LYRA, Vanessa Bellani; MAZO, Janice Zarpellon. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá, v. 21, n. 4, p. 655-666, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/8164/6770>>. Acesso em: 06 mai. 2011.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. *Lecturas, Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, v. 150, p. 1-15, 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd150/o-turfe-aspectos-historicos-de-uma-pratica-esportiva.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. *Motriz*. Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 292-302, abr./jun. 2011. Disponível em: <[http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2011v17n2p292/pdf\\_77](http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2011v17n2p292/pdf_77)>. Acesso em: 28 jun. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. 2ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov./2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

ROESSLER, Martha; RINK, Bjarke. Esportes Hípicos. In: DA COSTA, Lamartine. (org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, p. 8216-8219, 2006. Disponível em: < <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/51.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

ROJO, Luiz Fernando. Relações de gênero no hipismo: um olhar comparativo entre Rio de Janeiro e Montevidéu. Artigo elaborado a partir da *Exposição no curso de Antropologia*. Universidad de La República. Montevidéu. 2007. Disponível em: < [http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo\\_1\\_2.pdf](http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo_1_2.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2011.

ROZANO, Mário; FONSECA, Ricardo da (orgs.). *História de Porto Alegre: Jockey Club*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em Jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: SENAC, 1999.

“Sociedade Hippica Rio Grandense”. 18/07/1931, n. 66, p.21. In: MAZO, Janice Zarpellon. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

“Sociedade hipica Rio Grandense”. Seção Vida Desportiva. Hippismo. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 5 mai.1929, p. 5.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física, Esporte e Diversidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Identidades e conflitos em campo: a “guerra do Pacaembu”. *Revista USP*, São Paulo, v. 38, p. 108-117, dez.-fev. 1996-97. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/32/08-luiz.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

TORRES, Ruy Vilanova. *Cavaleiro & cavalo na equitação*. Porto Alegre: Editora Rígel, 2008.

VIEIRA, Sílvia; FREITAS, Armando. *O que é hipismo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às Luzes*. Tradução de Lúcia M. E. Orth; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis: Vozes, 2008, p. 303-400.

“Week-end na serra”. 31/03/1951, n. 531, p. 37. In: MAZO, Janice Zarpellon. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.